

Análise do conto “O espelho”: reflexões sobre o materialismo ideológico do discurso na sociedade capitalista

Karyelly Guimarães Moreiraⁱ

Lúcia Gonçalves de Freitasⁱⁱ

RESUMO

O presente estudo tem a intenção de discorrer sobre o materialismo ideológico do discurso, por meio de uma abordagem qualitativa interpretativista da narrativa ficcional “O espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana”, de Machado de Assis. Para tal, respalda-se nas concepções apresentadas por Mikhail Bakhtin em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1989) e na obra *O capital: crítica da economia política* (1983), de Karl Marx, na qual aborda as categorias essência e aparência e fetichismo de mercadorias. Deste modo, a metodologia da análise permite demonstrar a relação dos objetos e do capitalismo na constituição de identidades na sociedade.

Palavras-chave: “O espelho”; Materialismo do discurso; Fetichismo.

ABSTRACT

The present study intends to discuss the ideological materialism of the discourse, through a qualitative interpretative approach to the fictional narrative The Mirror –Sketch of a New Theory of the Human Soul, by Machado de Assis. For this, I rely on Bakhtin’s conceptions of Marxism and Philosophy of Language and Karl Marx’s capital O, about the essence and appearance categories and fetishism of goods. That said, the analysis methodology allowed to demonstrate the relationship between objects and capitalism in the constitution of identities in society.

Keywords: The mirror; Discourse materialism; Fetishism.

ⁱ Mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias do Programa de Pós-Graduação pela Universidade Estadual de Goiás – Anápolis. É integrante do Grupo de Estudos em Perspectivas Críticas na Educação Linguística, Letramentos e Discursos (INTEGRA/UEG).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3769-1303> | karyelly.moreira@ueg.br

ⁱⁱ Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Foi bolsista do Programa de Estágio de Doutorado no Exterior (PDEE) pela CAPES, tendo sido pesquisadora visitante no Center for Advanced Research in English, na Universidade de Birmingham, Inglaterra. É professora no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem em Tecnologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Lidera o GUARÁ – Grupo de Estudos de Jaraguá, onde desenvolve pesquisas interdisciplinares no campo da Linguística Aplicada.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7553-1119> | luciadefreitas@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Segundo Bakhtin, “[c]ada signo ideológico não é apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade” (BAKHTIN, 1989, p. 31); isto é, os fenômenos funcionam como signo ideológico, apresentando uma “encarnação” material em suas diversas formas de representações, como som, cor, movimento, entre outras. Desse modo, a partir da premissa de que, na sociedade capitalista, coisas e objetos tornam-se signos carregados de ideologias, o presente estudo propõe reflexões sobre o materialismo ideológico do discurso na sociedade capitalista, por meio de uma análise qualitativa interpretativista (MASON, 1997) do conto “O espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana”, do renomado escritor brasileiro Machado de Assis.

Para tal, o ensaio respalda-se em determinadas percepções propostas por Mikhail Bakhtin em *Marxismo e filosofia da linguagem*, bem como nas concepções de Karl Marx acerca do fetichismo de mercadorias e das categorias essência e verdade, descritas em sua obra *O capital: crítica da economia política*. Ademais, entrelaça-as e reflete sobre o papel da educação na ideologia capitalista. Conforme aponta Octavio Ianni, “é na análise de Marx que o capitalismo se torna transparente, desde as figurações da mercadoria às relações entre as pessoas, desde os encadeamentos entre a sociedade e o Estado às contradições de classes” (IANNI, 1980, p. 12).

No conto “O espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana”, Machado de Assis apresenta o cenário de um debate noturno entre cinco senhores acerca do tema “natureza da alma”. Inicialmente, um deles se recusa a opinar sobre as problematizações elencadas. Todavia, ao ser pressionado pelos demais, Jacobina¹ faz uma concessão ao seu princípio de não intervenção e começa a narrar certa história de sua juventude. Em seus relatos, o personagem explica que é de origem pobre e que conseguiu, por intermédio de amigos, o posto de alferes². Ele afirma que sua nomeação gerava *status*, mas despertava a inveja de muitos. Um dia, recebe um convite de sua tia Marcolina para passar um tempo no sítio dela. Quando chega ao lugar, é cercado de mimos, e ocorre uma rápida

transformação: de “Joãozinho”, diminutivo de afeto familiar, passa a ser tratado como “senhor alferes”; ou seja, é visto, agora, como o cargo que ocupa na Guarda Nacional.

O que Jacobina pretende demonstrar com suas revelações é que existem almas exteriores, que, embora sejam enérgicas, são de natureza mutável. Por exemplo, o alferes afirma que há cavalheiros que, na tenra idade, têm como alma exterior um cavalinho de pau ou um chocalho; porém, quando se tornam adultos, mudam de alma, substituindo-a por outro item, que pode ser um novo objeto, um cargo importante ou qualquer outra coisa de valor mercantil.

A partir do conto machadiano, é possível identificar e dialogar sobre as práticas de consumo e refletir acerca da materialidade da linguagem, observando a temática do uso de objetos e de posição social como parte da construção das identidades humanas na sociedade capitalista. Pode-se inferir que a educação em uma sociedade capitalista, voltada para a produção de bens de consumo e que despreza a natureza humana e histórica, é um desafio.

É perceptível que, pela ótica materialista, a consciência não é determinada pelo sentimento em relação ao vivido, ao experienciado, mas sim pelas maneiras de objetivar o vivido e o sentido, a partir do reconhecimento de um processo identitário de certos grupos, permeado, simultaneamente, pela linguagem e pela história; ou seja, pelos possíveis modos de apreender os sentidos em relação aos determinantes históricos, a objetivação da ordem da realidade pelos sujeitos que a determinam. Nesse contexto, há consonância com o que afirma Bakhtin (1989) sobre o papel da consciência de classe, das relações do sujeito com os deveres sociais, bem como acerca das formas de subjugação deste às interdições impostas pela sociedade.

Com uma abordagem qualitativa, a partir da interpretação do conto e do entrelaçamento de perspectivas teóricas, o presente estudo, dividido em três seções temáticas, além das considerações finais, busca estabelecer uma analogia entre a teoria da alma humana proposta por Machado de Assis e o materialismo ideológico do discurso na sociedade capitalista. É válido salientar que, primeiramente, desenvolve-se um paralelo entre as categorias essência e aparência propostas por Marx e o confronto de almas apresentado no conto de Machado de Assis. Posteriormente, enquadra-se o objeto³ em conceitos da filosofia da linguagem, especificamente a apresentação das fundamentações sobre materialidade da linguagem, relacionando-os a questões

educacionais. Na última seção, estão descritas certas concepções sobre o fetichismo de mercadorias sob a ótica de Marx. Ademais, as considerações finais permitem compreender o papel da educação no contexto da sociedade capitalista.

ESSÊNCIA VERSUS APARÊNCIA: O DUELO DE IDENTIDADES

De acordo com o *Dicionário de Filosofia* (2007), o termo “essência” designa o que constitui a natureza de um ser ou de uma coisa. Outrossim, caracteriza a revelação do que não se dá a conhecer de forma imediata. Na mesma fonte, o termo “aparência” apresenta dois significados distintos. O primeiro descreve a aparência como a ocultação da realidade, velando-a ou obscurecendo-a, de forma que essa só pode ser reconhecida quando se transpõe a aparência e se prescinde dela. Nessa perspectiva, conhecer significa libertar-se das aparências, do engano e da ilusão. Em contrapartida, a segunda definição afirma que a aparência é a manifestação da realidade, de modo que esta encontra sua verdade na aparência. Assim, conhecer significa confiar na aparência. Esse estudo propõe trabalhar com a primeira definição, pois essa é a mais adequada ao processo de análise do conto.

A partir das concepções de Marx, Monfardini (2010) esclarece as diferenças entre essência e aparência. De modo geral, a aparência é entendida como a manifestação de algo de forma imediata, não se tratando da maneira como os indivíduos apreendem o objeto, mas sim do modo como ele é apresentado. Em contrapartida, a essência é a natureza do ser. Compreende-se, assim, que a apreensão dos sujeitos sobre os fenômenos modifica suas ações no mundo. Destarte, se as pessoas tivessem acesso à essência dos fenômenos, transcendendo a percepção da aparência, essa apreensão possibilitaria um novo tipo de comportamento.

No conto “O espelho”, dando sequência ao seu diálogo com os cavalheiros sobre o acontecimento da juventude, Jacobina esclarece que sua tia Marcolina vivia em uma residência humilde; todavia, ela possuía um objeto muito valioso: um espelho, ainda com resquícios de ouro, com uma história nobre – havia chegado ao Brasil em 1808, com a corte de D. João VI. Um espelho histórico, que ficava na sala, mas tinha sido alocado no quarto onde o alferes dormiria. Jacobina conta que passou mais de um mês sendo bajulado pela tia e pelos escravos dela:

E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher [...]. Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o “senhor alferes”, não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. (ASSIS, 1994, p. 153)

Há, nessa representação, um embate entre essência e aparência. Segundo Marx (1983), em essência, a utilidade tem relação com a capacidade de satisfação das necessidades humanas das mais distintas maneiras; no entanto, em aparência, a utilidade apresenta-se de forma universal e abstrata. O filósofo alemão esclarece ainda que “o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado” (MARX, 1983, p. 28). Nessa perspectiva, a posição social e a aparência universal representadas pela farda de alferes de Jacobina eram a condição do prestígio e a causa de todas as bajulações direcionadas a ele. Corroborando essas concepções, Monfardini (2010) sustenta a ideia de que a relação entre essência e aparência é a base das noções de fetichismo.

Ao distinguir singularidade de universalidade, Marx enfatiza que esses fatores não dizem respeito somente ao produto do trabalho do homem, mas também ao próprio homem; o homem singular é sempre membro da universalidade. Dessa forma, o homem não pode ser visto apenas como um indivíduo isolado, ausente das relações sociais. No conto, Jacobina afirma que “o alferes eliminou o homem [...]. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças [...] passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem” (ASSIS, 1994, p. 154). Percebe-se que há uma dilapidação da identidade concreta do personagem, a qual é moldada e caracterizada a partir do outro, com a necessidade de ser vista e, acima de tudo, aceita. Trata-se de um exemplo da condição do indivíduo na sociedade capitalista, que coincide com as reflexões desenvolvidas por Marx na obra *A ideologia alemã* sobre o fenômeno das formações nebulosas na cabeça dos homens, consideradas pelo autor como sublimações essenciais ao processo de vida material dos sujeitos, uma vez que:

[...] a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, são privadas, aqui, da aparência de autonomia que até então possuíam. Não tem história, nem desdobramento;

mas os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. (MARX, 2007, p. 94)

Em seu método de investigação, além de apresentar as características elementares desse sistema, Marx (1983) revela suas propriedades opacas e imperceptíveis, demonstrando que as ações humanas não são desenvolvidas segundo a realidade efetiva das coisas, mas sim a partir de seus modos de manifestações sociais, sendo que essas representações não condizem com a essência real.

Após relatar como se deu sua elevação ao olhar de todos, Jacobina conta aos interlocutores que, certo dia, uma das filhas de sua tia ficou extremamente enferma. Preocupada, Marcolina fez as malas e partiu para ajudá-la, pedindo ao sobrinho que cuidasse da propriedade, dos escravos e dos pertences dela. Assim, ele ficou no sítio somente com os escravos. Ele prossegue a narrativa, deixando claro que o alferes seguia dominando seu interior, uma vez que os escravos continuavam sendo cortesês e muito respeitosos: “Nhô alferes, de minuto a minuto; nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general [...]” (ASSIS, 1994, p. 155). Tantas lisonjas, louvores e profecias deixaram Jacobina extático. Porém, retrata sua posterior decepção, quando, na manhã seguinte, os escravos fogem, levando até os cães, deixando-o completamente sozinho no sítio. Perturbado com a solidão, Jacobina já não consegue mais se olhar no espelho. A imagem que o objeto devolve é uma figura vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. Observa-se que há um aspecto de alteridade de classes, do alferes em relação aos escravos; sem eles, a identidade do outro não se projeta como superior.

É perceptível que tanto a imagem que o narrador-personagem tem de si quanto à percebida pelos demais sujeitos é construída a partir da alma exterior – algo que se encontra fora do corpo. No caso do conto, a alma exterior é materializada na farda de alferes, peça que o faz se sentir completo. Analisando as palavras de Jacobina, compreende-se que essa “segunda alma” pode ser identificada em qualquer objeto, desde que esteja fora do corpo e abrigue a “primeira alma”. Dessa forma, como afirma o personagem machadiano, um simples botão de camisa, uma máquina, um livro, entre outros artefatos, pode vir a ser a alma exterior.

MATERIALIZAÇÃO IDEOLÓGICA NO DISCURSO

Levando em consideração a sugestão de Bakhtin (1989), é válido salientar o sentido da palavra “ideologia”, entendida por ele como a única maneira viável para que o método sociológico de Marx perpassasse as profundidades de todas as estruturas ideológicas imanentes, partindo da filosofia da linguagem, concebida como “filosofia do signo ideológico” (BAKHTIN, 1989, p. 38). O autor afirma que, de forma privilegiada, a palavra veicula a ideologia, sendo essa uma superestrutura de transformações sociais que se refletem. Nesse contexto, a palavra é vista como um indicador de mudanças: “Tudo que é ideológico possui um valor semiótico [...]. O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes” (BAKHTIN, 1989, p. 32). O signo não deriva, então, da consciência individual; na realidade, encontra seu sentido e sua origem na interação verbal, com a necessária participação de outros. Com base em Iasi (2011), é possível compreender que o processo de consciência é desenvolvido a partir da junção de vários elementos do mundo externo, os quais são interiorizados em cada indivíduo por meio das instituições sociais, sendo a família a primeira delas.

Marx e Engels (2007) definiram ideologia como uma inversão da realidade, que surge com a divisão social entre trabalho manual e trabalho intelectual. É quando aparece a figura do intelectual, especialista em sistematizar as ideias, considerando-as autônomas, naturais, independentes da história e da sociedade, e até mesmo produtoras da realidade. Porém, Bakhtin (1989) aprofunda o conceito de signo e de linguagem, concluindo que a ideologia está diretamente ligada às condições materiais da existência. Como afirma o teórico, a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, correspondendo ao aspecto semiótico e ao papel condicionante da comunicação social. Tem-se, assim, uma realidade dialética, pois o signo resulta de diálogos existentes na sociedade, e essa é a substância da língua, o fenômeno social da interação verbal. Além disso, um produto ideológico “faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo [...] reflete e refrata outra realidade, que lhe é exterior” (BAKHTIN, 1989, p. 29).

No conto “O espelho”, percebe-se que o alferes ocupa o lugar do homem: “[...] No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes” (ASSIS, 1994, p. 154). Isso ocorre pelo fato de que tudo que é ideológico possui um significado e

remete a algo situado fora de si, confirmando o pressuposto de que “[...] a consciência urge e se afirma como realidade mediante a encarnação material em signos” (BAKHTIN, 1989, p. 33).

Se a ideologia não decorre da consciência; ao contrário, é a que mais se aproxima do razoável, só é possível compreender e dar alguma realidade à consciência na medida em que esta possa ser significada. Como afirma Bakhtin:

fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção. Sendo assim, uma construção ideológica, criada sem considerar os dados concretos da expressão social. Mas, enquanto expressão material estruturada através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical, entre outras representações de sentidos, a consciência se constitui um fato objetivo e uma força social significativa. (BAKHTIN, 1989, p. 120)

Assim, a palavra “alferes”, no conto, é a causa da elevação de Jacobina, pois faz com que todos à sua volta o tratem com cortesia e lisonja. Isso se explica pelo fato de que, a cada manifestação da ideologia, da consciência, o homem se produz, e essa manifestação, que passa a fazer parte do universo cultural daquele grupo, acaba formando novas consciências, agregando aos indivíduos outros componentes para sua ideologia. Desse modo, as manifestações cotidianas partem da consciência e da ideologia que foram formadas (do exterior para o interior, no âmbito de determinada classe social e de certa camada ou grupo) em cada sujeito.

Jacobina estava acostumado com as bajulações; ter ficado sozinho no sítio, sem ninguém para chamá-lo de alferes, gerou um enorme desconforto. Na solidão, os sonhos sanavam a angústia: “[...] Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes. [...] prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver” (ASSIS, 1994, p. 156). No conto, há essa consciência verbalmente constituída, de forma que o alferes não se reconhece se não como “senhor alferes” e sem a sua caracterização pelo uso da farda. O fato de os escravos e outros indivíduos de posição social inferior bajularem-no contribuía para a consciência ideológica de sua imagem e de sua representação social.

No âmbito educacional, apesar das lutas, grande parte da elite não deseja a instrução do proletariado, das classes marginalizadas; no máximo, defendem apenas uma educação alienante⁴ e opressora, para que os menos favorecidos não questionem acerca

das mazelas sociais. Assim, a classe detentora dos meios de produção cria em sua consciência uma forma de pensar e de interpretar o mundo e a repassa às demais, com o intuito de que suas ideias sejam únicas e universais. Diante disso, Marx (1983) afirma que o ensino seria uma forma de desalienação do homem, o qual não deve aprender somente uma profissão, mas compreender os processos e as organizações de trabalho, a fim de superar a segregação social, ou seja, a dualidade de um ensino voltado para a classe burguesa e outro, para o proletariado.

De acordo com Gadotti (2003), para Marx, “a teoria e a prática educacionais são insuficientes [para o desenvolvimento de suas potencialidades e emancipação] se não vierem ao encontro de uma sociedade em que a divisão do trabalho foi abolida” (GADOTTI, 2003, p. 62). Assim, deve-se promover uma educação que desenvolva uma consciência crítica e coletiva, em uma perspectiva de transformação.

FETICHISMO DE MERCADORIAS: A FARDA DO ALFERES

De acordo com o *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, define-se “fetiche” como “objeto animado ou inanimado, feito pelo homem ou produzido pela natureza, ao qual se atribui poder sobrenatural e se presta culto” (HOLANDA, 1993, p. 429). Sob a ótica de Marx, o fetiche é um fenômeno que ocorre devido à determinada construção social que, de modo “mágico”, transforma algo imaterial produzido por esta sociedade em alguma coisa dotada de autonomia e “poderes”. O fetichismo da mercadoria é um fenômeno real, presente na sociedade do capital, que transforma as relações sociais. Assim, Marx (1983) analisa e descreve três formas de fetichismo: mercadoria, dinheiro e capital. Em sua obra *O capital: crítica da economia política*, pode-se observar que a relação comum entre os objetos de fetiche (mercadoria, dinheiro e capital) é o valor que cada um deles assume na sociedade. Portanto, a mercadoria é misteriosa, afirma o teórico:

[...] simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho social total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho. (MARX, 1983, p. 81)

Nessa perspectiva, entende-se que o produto adquire valor como se não fosse resultado do trabalho humano; é como se a mercadoria “ganhasse vida”, sendo um fator determinante na sociedade; assim, quem possui está inserido em certo padrão social, quem não possui não está. O objeto fetiche, produzido por meio da prática social dos seres humanos, passa a dominar os comportamentos e os modos particulares como os indivíduos vivem. Corroborando esse pensamento, Rocha (2006) observa que a prática de consumo é sustentada por um sistema de classificação, em que serviços, produtos e objetos fazem parte de “um jogo de organização coletiva da visão de mundo na qual coisas e pessoas, em rebatimento recíproco, instauram a significação” (ROCHA, 2006, p. 92). Dessa forma, o fenômeno do fetichismo reconfigura e afeta diretamente as relações sociais. Todavia, essa reconfiguração não ocorre porque os sujeitos não têm elementos para distinguir essência de aparência, mas sim porque há uma inversão da configuração da realidade como resultado da prática social de pessoas que se relacionam por meio das mercadorias.

Para a melhor compreensão do emprego do termo “fetichismo”, Carcanholo (2011) exemplifica:

A carranca é um fetiche: objeto inanimado, escultura de madeira feita pela mão de artesãos, construída pelo trabalho humano, sem nenhum poder em si mesma. Mas a ela, o ser humano atribui poderes naturais (afugentar animais agressivos) e sobrenaturais (o de afugentar maus espíritos). (CARCANHOLO, 2011, p. 87)

Percebe-se, assim, a idolatria a objetos inanimados nas formas de desenvolvimento social ao observar os desdobramentos do fetichismo de mercadorias. É possível notar isso no conto “O espelho”: Jacobina era conhecido por suas vestes de alferes; no momento em que se viu solitário no sítio, sem usar as roupas que lhe proporcionavam prestígio, não conseguia mais se encarar no espelho, pois seu reflexo era disperso e incompleto. O alferes afirma que, às vezes, olhava rapidamente para o espelho e a imagem refletida era sempre difusa; porém, certo dia, mirava o vidro, desesperado, contemplando as próprias feições inacabadas e informes, sem nenhuma inspiração indagável, quando, por impulso, lembrou-se de suas vestes de alferes:

— Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado [...] quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.
— Mas, diga, diga.

— Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. (ASSIS, 1994, p. 158)

Fica evidente a importância da farda de alferes no conto machadiano. Pode-se observar que Jacobina é constituído, de maneira indivisível, por sua humanidade e pela materialidade de suas vestes, pois é com e por meio dela que ele passa a ser reconhecido. Segundo Carcanholo, “os seres humanos deixam de se relacionar diretamente entre si e entregam essa tarefa ao fetiche. As mercadorias mantêm relações entre si e com os seres humanos” (CARCANHOLO, 2011, p. 93). Assim, enquanto os seres são reduzidos a “coisas”, as coisas adquirem vida, no sentido de que concentram as relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível que a obra machadiana, por mais que seja de cunho ficcional, retrata a sociedade capitalista, na qual a aparência, os bens materiais e a posição social são os elementos mais importantes. Outrossim, é possível compreender que a consciência se constitui socialmente, a partir do exterior, dos signos e, sobretudo, das palavras que compõem o universo do indivíduo, materializadas por meio do discurso. Sendo assim, a ideologia torna-se um dos instrumentos de reprodução de *status* e da própria sociedade. Os bens de consumo modelam a sociedade, e a humanidade se mostra inseparável de sua materialidade. Esse entendimento permite retomar a tese central do conto “O espelho” sobre as duas almas: a interior, apreendida como espiritualidade, e a exterior, que pode ser qualquer coisa; de forma complementar, ambas dão vida aos seres humanos.

É possível concluir, portanto, que, nas relações estabelecidas entre os indivíduos, estão envolvidos bens materiais, que classificam, diferenciam e ordenam estilos de vida, culturas e identidades. Afinal, “[...] não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis” (BAKHTIN, 1989, p. 118).

Nesta perspectiva, o papel da educação na sociedade contemporânea é produzir um cidadão mínimo, carente de capacidades cívicas. Contudo, a superação dessa falsa consciência e o consequente desenvolvimento de uma consciência crítica que

pressuponha a construção de relações sociais autônomas e não opressivas se fazem necessários.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ASSIS, Machado de. O espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana. In: _____. *A Sereníssima República e outros contos*. São Paulo: FDT, 1994. (Coleção Grandes Leituras).

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. Conteúdo e forma da crise atual do capitalismo: lógica, contradições e possibilidades. *Revista Crítica e Sociedade*, v. 1, n. 3, p. 73-84, 2011.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *A ideologia alemã*. Tradução de Rubens Enderle, Luciano Cavini Martorano e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2007.

GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da educação*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

IANNI, Octávio. *Karl Marx: sociologia*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1980.

IASI, Mauro. *Ensaio sobre consciência e emancipação*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1983.

MASON, Jennifer. *Qualitative researching*. Londres: SAGE Publications, 1997.

MONFARDINI, Rodrigo Delpupo. D. *Sobre o fetichismo da mercadoria como base da mistificação da origem da riqueza*. ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 38., 2010, Salvador. Anais. Salvador: ANPEC, 2010. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2010/inscricao/arquivos/345-93a29ccd4a0e234527a95c8184c18294.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

RESENDE, Anita C. Azevedo. *Fetichismo e subjetividade*. 1990. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - PUC/SP, São Paulo, 1990.

ROCHA, Everardo. *Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Recebido em: 15/05/2021

Aceito em: 01/06/2021

¹ Provinciano, de origem humilde, com cerca de quarenta e cinco anos, capitalista, inteligente e cáustico. Aos vinte e cinco anos, torna-se alferes da Guarda Nacional.

² Antiga patente militar, equivalente ao atual Segundo-Tenente.

³ Refiro-me ao objeto de estudo, o conto de Machado de Assis.

⁴ Que contribui para manter um indivíduo ou grupo de indivíduos em estado de alienação, de ignorância da realidade e dos fatores objetivos e subjetivos que condicionam sua maneira de ser; alienador.